

8.03.05 - Artes / Teatro.

MIL LITROS DE PRETO - UM RIZOMA CONTEMPORÂNEO

Lucimélia Aparecida Romão¹, Juliana Reis Monteiro dos Santos²

1. Graduada no Departamento de Artes da Cena da Universidade de São João Del Rei (DEACE-UFSJ)
2. Professora Doutora no Departamento de Artes da Cena da Universidade de São João Del Rei (DEACE-UFSJ)/Orientadora

Resumo

O presente trabalho traz um panorama da inserção do negro no teatro brasileiro; aborda a importância e a necessidade de a negritude ter voz própria, a fim de se revitalizar a saúde social como um todo, com foco no relato do diálogo teórico prático dos estudos, que culminou na criação da performance instalação “Mil litros de preto – a maré está cheia”, criada a partir do tema do genocídio da população negra. A performance foi apresentada em eventos acadêmicos e artísticos e, em algumas ocasiões, foi acompanhada de palestras, permitindo uma troca com alunos de escolas públicas ao divulgar a arte negra nacional, com o intuito de conscientizá-los sobre a violência que muitos jovens negros sofrem por parte do estado. A pesquisadora também foi a campo para entrevistas alguns grupos de teatro ligados à cultura afrodescendente.

Palavras-chave: Arte Negra; Performance Arte; Genocídio da Negritude.

Apoio financeiro: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPE) e Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE).

Trabalho selecionado para a JNIC: UFSJ

Introdução

Inicialmente, este projeto ansiou criar um diálogo entre os mestres *Griôs* africanos e o grupo Teatro Negro e Atitude, de Belo Horizonte, Minas Gerais, buscando fazer um paralelo entre a resistência das “bibliotecas vivas” durante a colonização francesa no continente africano, e o grupo mineiro, também fazedor de arte.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, encontrou-se uma riqueza de material a ser pesquisado sobre as características do teatro negro no Brasil e sobre as questões circunstanciais do atual momento político de nosso país, o que redirecionou os estudos. Como exemplo, pode ser citada a leitura de “O teatro negro em perspectiva: dramaturgia em cena negra no Brasil e em Cuba”, do pesquisador mineiro Marcos Alexandre (2017, p.30), que nos levou a abordar o Teatro Experimental do Negro (TEN), ponto deflagrador do que é conhecido hoje como teatro e arte negra no Brasil, o autor afirma “a importância do trabalho de Abdias Nascimento, fundador do TEN grupo que se converteu em um ícone na divulgação do teatro negro deixando um grande legado para todos negros que na atualidade, que se dedicam aos estudos acerca da cultura afro-brasileira”. Este grupo buscou combater a discriminação racial e social em todos os sentidos, funcionando como agente social, buscando formas de integração e de melhoria econômica para o negro brasileiro.

No que tange à cena contemporânea como um todo, com suas múltiplas possibilidades, uma das perguntas condutoras da pesquisa em seu eixo prático foram: Como olhar para tradições que estão ligadas a modos de treinamentos e práticas continuadas, com transmissão de saberes, como é o caso dos *Griôs*? Como elas reverberam hoje na formação do performer? Ou ainda, como nos convoca Andreas Huyssen (1991, p. 26), como fazer “(...) a busca por tradições tornar-se culturalmente produtiva, sem sofrer pressões do conservadorismo que aferra o conceito de tradição por simplesmente coadunar-se ao mito do novo, da modernização e o ceder ao aparelho cultural ‘para que se legitime como algo radicalmente novo’?”.

A partir da análise de material levantado e sob os estímulos das reflexões e intenções expostas acima, criou-se a performance instalação “Mil litros de preto – a maré está cheia”.

Metodologia

A pesquisa foi dividida em duas partes: uma teórica e uma prática. A primeira, consistiu em análise de dados e bibliografia, de caráter historiográfico, uma vez que os mesmos traziam a fundamentação da construção do Brasil como nação. Por meio destes, buscou-se entender o lugar que o negro ocupa na arte e na sociedade brasileira.

Ao longo de seus seis primeiros meses, assistimos e analisamos peças teatrais ligadas a essa temática, bem como realizamos entrevistas com artistas e grupos vinculados à cultura afrodescendente; fossem de Belo Horizonte (MG) ou de São Paulo (SP).

As entrevistas visaram a ampliar nossa compreensão acerca da arte negra produzida no Brasil. A análise

dos espetáculos assistidos - “Madame Satã”, dirigido por João das Neves, e “Medea Mina JeJe”, dirigido por Juliana Monteiro - buscou semelhanças e singularidades entre as obras.

Durante o eixo prático do projeto, foi criada a performance instalação “Mil Litros de Preto: a maré está cheia”, gerada pela retroalimentação prática-teoria e pela urgência de se falar sobre o genocídio do jovem negro brasileiro e da necessidade de tornar palpável, por meio da arte contemporânea, o que é crescer sendo preto no Brasil.

Partindo da premissa de que a cada 25 minutos um jovem negro é assassinado pelo estado brasileiro, verificou-se quantos litros de sangue tem um corpo adulto, chegando-se a uma média de 7 litros. Pensando que cada corpo tem 7 litros de sangue e que a cada 25 minutos um jovem é morto por policiais, calculou-se que, precisamente, em 59 horas poderia-se encher uma piscina de 1000 litros “com sangue de jovens negros”. A ação, então, consiste em encher uma piscina de mil litros com líquido vermelho, representando o sangue de jovens pretos.

A performance, em sua primeira versão, apresentada no Centro Cultural da Universidade Federal de São João Del Rei (MG), teve duração de 60h, aconteceu entre os dias 17 e 19 Janeiro de 2019 e contou com mais duas performers convidadas: Maria Lúcia de Souza, Josefa Ambrosia de Souza. Ao som de alarmes e tiros, num espaço ocupado pela piscina e por 144 baldes pretos, cheios de “sangue”, o público podia transitar livremente. A cada balde despejado na piscina, a performer lia um nome, a idade e a causa mortis da vítima ali representada. A performance também foi apresentada no Taculas - Fórum de Performance de Mulheres Negras em Belo Horizonte, na 15ª Mostra VERBO de Performance em São Paulo, na 9ª edição da Mostra 3M de ARTE em SP (como MIL LITROS DE PRETO: O LARGO ESTÁ CHEIO), na 8ª edição da Segunda Preta e no FAN em BH. Em em 2020, na 2a. edição de “A_Ponte: Cena Teatral Universitária”, no Itaú Cultural em São Paulo.

Resultados e Discussão

O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu em 1944, no Rio de Janeiro, como um projeto idealizado por Abdias Nascimento (1914- 2011), com o desejo de valorizar socialmente o negro e a cultura afro-brasileira através da educação e da arte. Este autor observou a inexistência de temáticas relacionadas à história da população negra no teatro nacional, em meios midiáticos, uma grande rejeição do negro como “personagem e intérprete”, e de sua vida própria. O TEN foi criado a fim de defender a “verdade cultural do Brasil” (NASCIMENTO, 2004, p. 210). Além de iniciação teatral e interpretação, o projeto possibilitou ao grupo cursos de alfabetização e o letramento à cultura geral, fundindo aulas, debates e exercícios práticos, e contando com a contribuição de professores convidados por Nascimento. Apesar de ter vida curta, foi suficiente para semear a discussão que permanece em aberto: a questão da ausência do negro nas artes de um país mestiço e de maioria negra.

Abordando a dimensão sociopolítica da arte negra, foi percebido o quanto ainda é atual a eliminação de jovens negros e periféricos em nosso país. Segundo Leda Maria Martins (2019), em um trecho da entrevista realizada para o presente trabalho, também existe uma morte simbólica. Apaga-se no sujeito seus índices, a sua humanidade, o que justifica seu extermínio; essa parcela da população não pode exercitar sua língua, sua religião, sua forma de organização e sua arte. No entanto, esse apagamento não consegue ser total e absoluto; em 500 anos, as culturas negras e indígenas sobrevivem.

Observando o panorama brasileiro onde o genocídio da juventude preta tem sido a política base do Estado para com os negros desde a escravidão, criou-se “Mil Litros de Preto: a maré está cheia”, uma performance instalação, com o intuito de denunciar tal violência, tendo em vista a possibilidade de materializar espaço-temporalmente suas implicações, por meio da apropriação de características das artes visuais para questionar e espelhar nosso tempo, com volatilidade e efemeridade.

A obra buscou absorver e construir a cena de um crime ao redor do espectador, envolvendo-o nesse ambiente, ao mesmo tempo que procurou ajudar a desconstruir a história do negro marginal; desconstruir a ideia de periferia e os conceitos e pré-conceitos envolvidos neste imaginário. O espectador era convidado a vivenciar de dentro de uma práxis artística o tema abordado.

Como apontado anteriormente, a duração de 59 horas da proposta inicial demandou que a performer permanecesse no local por três dias e duas noites, permitindo um diálogo seu, aprofundado sobre a temática abordada, com os vários visitantes que frequentaram a instalação: crianças e adultos que puderam entrar em contato com a reflexão trazida pelo trabalho, bem como com um dos vieses das políticas do estado para com a população periférica. Verificamos a pertinência de tal debate para a desmistificação da violência policial e de atitudes como a do governador do Rio de Janeiro que permitiu que escolas do ensino fundamental dentro de favelas fossem alvejadas de um helicóptero que as sobrevoavam.

A ampliação desse debate foi permitida pela apresentação da performance em outros espaços. Depois de apresentada no Fórum de Performance Negra e na Segunda Preta em Belo Horizonte, a ação chegou a ganhar o Prêmio do BDMG Leda Maria Martins, na categoria Performance do Tempo Espiral. O trabalho também teve uma versão em grande escala, realizada em São Paulo, na MOSTRA 3M DE ARTE com uma piscina de 7000 litros, contando com a presença e a atuação do movimento as Mães de Maio, oriundas de diversas regiões da grande São Paulo e região, como: Sapopemba, Zona Norte, Zona Leste, Santos e Mogi das Cruzes.

Conclusões

No geral, a arte negra tem um caráter sociopolítico, fundamentado pelo ensejo de suplantar a história hegemônica e de permitir possibilidades de reestruturação social. De natureza plural contemplando várias subjetividades a partir de diversas de linguagens dramáticas da cena como performance negra, música negra e teatro negro, as artes negras visam derrubar a criação do projeto de nação em que o negro é excluído de todas as esferas da sociedade.

Nascimento (2004) teve uma contribuição importantíssima para a elevação e projeção do negro na sociedade. Mesmo diante de diversas dificuldades encontradas pelo autor em trabalhar com pessoas à margem, ele conseguiu suscitar questões, dando embasamento para debates atuais da população preta.

A partir dessa pesquisa, identifica-se a necessidade de desmistificar e restituir a humanidade dos sujeitos que no teatro também tiveram sua existência desqualificada e/ou cuja origem foi ignorada. Reescrever a história hegemônica, pautando não só o negro como tema do teatro, mas também questionar o modo como esse tema é elaborado. É imprescindível reconfigurar o tema, a reflexão dos indivíduos, da sociedade, da história e da cultura, bem como os modos de construção artística, seja da cena, da instalação ou da performance. É necessário gerar possibilidades artísticas que osem desmontar a história que se apresenta como “modo de suplantar outra(s)”.

Sob esta perspectiva, a obra “Mil litros de preto: a maré está cheia” procurou elaborar poéticas sensíveis, a fim de refletir a sociedade atual, dimensionando a mortalidade da juventude preta: realidade para a qual o Movimento Negro vem, ao longo de décadas, alertando a população brasileira.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Marcos. **O Teatro Negro Em Perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

GARSON, Isaac Bernat. **O olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir de encontros com Sotigui Kouyaté**. Acesso: 08 de maio de 2018. Disponível em: <www.portalabrace.org/vcongresso/textos/estudosperformance>.

KOUYATÉ, Sotigui. **Falas**. In MONTEIRO, Juliana. **Encontrar – protocolo de aprendizado**. Santo André: Cadernos da ELT – Ano III. Número 2. 2005, p. 32-37.

LIMA, Evani Tavares. **Por uma história negra do teatro brasileiro**. Urdimento, v.1, n. 24, p. 92- 104, julho 2015. Acesso: 30 de abril de 2018. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101242015092>>.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016, p.113.

_____. **Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões**. In.: Estudos Avançados. Vol. 18. N.o 50. São Paulo: 2005, p. 210.

SANTOS, Fátima Verônica. **Contar histórias a partir da tradição do griot**. IV Congresso de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas 2010. Disponível em: <www.portalabrace.org/vcongresso/estudosperformance>. Acesso: 08 de maio de 2018.

Entrevistas concedidas à autora

ALEXANDRE, Marcos. Professor no curso de Letras da UFMG. Em 28 de abril de 2019.

BERNARDES, Kenan. “Medea Mina jeje”. Em 03 de maio de 2019.

CARVALHO, Marcus. Teatro Negro e Atitude. Em 27 de abril de 2019.

MARTINS, Leda Maria. Poeta, pesquisadora, dramaturga e professora. Em 26 de maio de 2019.

PASSOS, Evandro. Dançarino e performer. Em 05 de maio de 2019.

TOURINHO, Denilson. “Madame Satã” e o Grupo dos Dez. No dia 26 de abril de 2019.